

## Bíblias para Crianças na Literatura Infantil Brasileira

Ms. Letícia Lopes Ferreira<sup>i</sup>

### **Resumo:**

*Analisa uma versão em português de uma narrativa da Bíblia (texto base), comparada a três versões da mesma para crianças, a fim de verificar a fidelidade das adaptações ao texto bíblico. Considera que essa fidelidade é parcial e que os textos infantis ganhariam em identidade com o texto base e sua mensagem se vários procedimentos narrativos presentes nesse fossem preservados nas adaptações. Discute a relevância desse tipo de literatura e propõe pesquisa sobre suas especificidades literárias e desenvolvimento mercadológico no Brasil.*

**Palavras-chave:** Bíblia, literatura infantil, análise comparativa

### **1 Introdução**

Partindo da hipótese da existência de um - talvez novo - subgênero da Literatura Infantil: histórias bíblicas adaptadas para crianças, supomos a Bíblia como literatura e propomos uma análise comparativa entre uma narrativa bíblica e adaptações para crianças dessa narrativa.

Ler e analisar a Bíblia como literatura não é ideia nova, como se pode perceber em obras como **A Arte da Narrativa Bíblica**, do filólogo, professor e crítico literário norte-americano Robert Alter (São Paulo: Companhia das Letras, 2007), e **Para Ler as Narrativas Bíblicas – Iniciação à Análise Narrativa**, dos teólogos e estudiosos da Bíblia, os suíços Yvan Bourquin e Daniel Marguerat (São Paulo: Loyola, 2007), que usamos como base para nossa proposta de análise.

Para Robert Alter, um exame cuidadoso do teor literário de um texto bíblico, longe de negligenciar o caráter religioso da Bíblia, focaliza-o de maneira mais nuançada, pois essa visão religiosa adquire profundidade e sutileza justamente por ser apresentada mediante os mais sofisticados recursos da prosa de ficção. (2007, p. 28 e 42)

---

<sup>i</sup> **Autor**

Letícia FERREIRA, Ms.

Pesquisadora independente.

E-mail: ferreira.leticia@uol.com.br

## 2 A história bíblica adaptada à apreensão infantil

Apesar de o elemento religioso estar presente na Literatura desde muito cedo na história da leitura, percebemos, com uma simples verificação nas prateleiras das maiores livrarias do Brasil e sites equivalente, que Bíblias para crianças, ou seja, histórias bíblicas que se pretendem adaptadas à apreensão infantil, vêm sendo cada vez mais editadas, principalmente a partir do início deste século. Tanto editoras protestantes (como a Sociedade Bíblica do Brasil) quanto católicas (como as Edições Paulinas), ou sem nenhum comprometimento confessional aparente (como a Editora Globo) vêm lançando títulos dessa natureza, sejam versões originalmente brasileiras ou adaptadas de línguas estrangeiras, principalmente do inglês.

Focalizamos, assim, nossa análise e reflexão, sobre a confecção dessa literatura infantil religiosa que, cremos, sem nos determos em questões mercadológicas, se propõe a transmitir valores cristãos de pensamento e conduta.

Para tanto, comparamos uma narrativa extraída de uma versão da Bíblia traduzida para o português – que chamaremos de texto base –, com três versões dessa narrativa (também em português, mas traduzidas de originais em inglês) voltadas para crianças. Ressaltamos que as ilustrações também foram analisadas por considerarmos que, principalmente em Literatura Infantil, fazem parte da narrativa.

A narrativa em questão é de um dos milagres de Jesus Cristo, a história da ressurreição de uma criança – a filha de Jairo –, contada nos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas. Tomamos como texto base a versão de Marcos (capítulo 5, versos 21 a 43) da **Bíblia Sagrada Nova Versão Internacional**, traduzida pela Sociedade Bíblica Internacional e publicada pela Editora Vida, de São Paulo, em 2001.

As adaptações dessa história para crianças, que utilizamos nessa comparação, estão presentes nos livros **Histórias Bíblicas em Rimas**, da SBB (Sociedade Bíblica do Brasil), **A Primeira Bíblia das Crianças**, da Editora Globo, e **Almanaque Bíblico**, também da SBB.

Essa história conta como Jesus, atendendo ao pedido de Jairo, importante personagem da instância religiosa daquele contexto, ressuscita sua filha, uma menina de 12 anos que acabara de morrer. Entretanto, antes de realizar esse milagre, Jesus é interrompido por uma mulher que se aproxima dele em meio a uma multidão e lhe toca em segredo, a fim de ser curada de uma hemorragia uterina que durava 12 anos (pensando que somente tocar seu manto seria suficiente para curar a enfermidade). Essa doença, por causa das leis hebraicas de pureza, lhe trazia sérios desconfortos não somente físicos, mas a mantinha totalmente à parte da sociedade. A mulher é curada e, assim, reabilitada socialmente, pela fé, segundo lhe diz Jesus (que percebe que dele saiu poder ao ser tocado por alguém na multidão).

Somente uma das narrativas infantis que analisamos, a do **Almanaque Bíblico**, inclui a história da mulher com hemorragia, mencionando-a, porém, de modo bastante superficial. Acreditamos que isso se deva à natureza de sua doença.

Relativamente à análise comparativa que realizamos, lembramos o que Alter afirma a respeito do papel da arte literária na conformação da narrativa bíblica:

é crucial e finamente modulado a cada momento, quase sempre determinante na escolha exata de palavras e detalhes, no ritmo da narração, nos pequenos movimentos do diálogo e em toda uma teia de relações que se ramificam pelo texto. [...] Esmiçar os personagens bíblicos como figuras de ficção permite ver mais nitidamente os aspectos contraditórios e as múltiplas facetas de sua individualidade humana. [...] esse exame meticuloso não pode se basear meramente numa impressão geral da narrativa, mas deve ser empreendido por meio de uma minuciosa atenção à maneira como o escritor bíblico articula a forma narrativa. (2007, p. 15 e 28)

Entre os exemplos dados pelo autor, dessa articulação da forma narrativa na Bíblia, estão a complexidade e a economia de detalhes expressivos do texto (cuja antiguidade, alerta o autor, não autoriza o analista a considerá-lo rudimentar ou simples), e ainda o laconismo não uniforme ou automático do texto, o uso repetido de analogia narrativa e a função ricamente expressiva da sintaxe. Diz Alter:

Por que, por exemplo, o narrador atribui motivos ou sentimentos a seus personagens em certas situações e prefere silenciar em outras? Por que certas ações são descritas sumariamente, ao passo que outras são amplificadas por meio de sinônimos e detalhes? O que explica as mudanças radicais na escala temporal de alguns acontecimentos? Por que se introduzem diálogos em algumas circunstâncias, e qual é o princípio de seleção que governa a atribuição de palavras específicas aos personagens? Num texto tão econômico no uso de epítetos e descrições, por que a identidade singular de alguns atores é registrada pelo narrador em certos momentos da história? A repetição é uma característica bem conhecida da Bíblia, mas não é absolutamente um recurso automático – quando se dá a repetição literal, e quais são as variações relevantes nas fórmulas verbais repetitivas? (2007, p. 40 e 41)

Munidos de todos esses questionamentos, analisamos se o que denominamos de mensagem do texto base é preservada nas versões infantis, pois, em uma tradução e uma adaptação, muitas dessas características literárias da conformação da narrativa bíblica podem, além de modificadas, serem ignoradas e perdidas, talvez com prejuízo.

Lembremos o que diz a respeito Roger Chartier:

As obras – mesmo as maiores, ou, sobretudo, as maiores – não têm sentido estático, universal, fixo. Elas estão investidas de significações plurais e móveis, que se constroem no encontro de uma proposição com uma recepção. Os sentidos atribuídos às suas formas e aos seus motivos dependem das competências ou dos diferentes públicos que delas se apropriam. Certamente, os criadores, os poderes ou os experts sempre querem fixar um sentido e enunciar a interpretação correta que deve impor limites à leitura (ou ao olhar). Todavia, a recepção também inventa, desloca e distorce.

Produzidas em uma ordem específica, que tem suas regras, suas convenções e suas hierarquias, as obras escapam e ganham densidade,

peregrinando, às vezes na mais longa jornada, através do mundo social. Decifradas a partir dos esquemas mentais e afetivos que constituem a cultura (no sentido antropológico) das comunidades que as recebem, tais obras se tornam um recurso precioso para pensar o essencial: a construção de um vínculo social, a subjetividade individual, a relação com o sagrado. (1994, p. 9)

Parece-nos muito improvável, portanto, que, numa adaptação para crianças – ou, como diz Chartier, nessa “longa jornada, através do mundo social” – de uma obra inúmeras vezes traduzida e adaptada não se percam ou não se transformem sentidos e significações. Ainda mais se tratando de uma obra que é, novamente citando Chartier, utilizada como recurso precioso para pensar o essencial: a construção de um vínculo social, a subjetividade individual, a relação com o sagrado.

### **3 Onde encontramos - ou não - identidade com o texto base**

Baseados em todas essas considerações e outras sugeridas principalmente por Robert Alter, e ainda por Yvan Bourquin e Daniel Marguerat, ao concluir nossa análise comparativa dessa narrativa bíblica, acreditamos que as versões infantis mantêm com o texto base relações de identidade no seguinte sentido:

A parte da mensagem central da narrativa original que é preservada nas versões infantis é que Jesus considera as crianças como agentes importantes da sociedade, que merecem sua especial atenção e merecem que ele se mobilize e mobilize seus poderes e sua infalibilidade com o fim de auxiliá-las. Ou seja, assim, como os adultos, as crianças também podem e devem ser consideradas importantes para Jesus, alvos do amor e da preocupação dele, bem como de sua mobilização.

Entretanto, muitos recursos narrativos importantes se perdem nas adaptações infantis que, se preservados, enriqueceriam essas versões não somente em sua identidade com o texto base, mas na transmissão dos mencionados valores que, cremos, são um dos objetivos desse tipo de literatura infantil religiosa.

A história da cura da mulher com hemorragia – salvo a breve menção em **Almanaque Bíblico** – está ausente nas versões infantis e, cremos, ela é importante para a narrativa da ressurreição da filha de Jairo, não apenas pelos paralelos e contrastes que mantém com a história da menina, mas pela interrupção que causa à primeira narrativa, o que dá lugar a procedimentos narrativos importantes, como o efeito de suspense.

Para exemplificar os paralelos, temos os 12 anos de doença da mulher e os 12 anos de idade da menina, o fato de as duas personagens serem do sexo feminino e ainda o de serem curadas por um toque de Jesus. Ademais, não é mencionado o nome de nenhuma das duas.

Como contrastes, temos a idade e principalmente o fato de que a menina está a iniciar sua vida reprodutiva e, a mulher, a terminar. Além disso, a menina tem quem fale por ela, quem a proteja, a mulher, não.

Pensamos que é acontecimento digno de nota, pelo leitor, que Jesus interrompe o atendimento a uma pessoa rica e importante, para dar atenção a uma pessoa considerada

inferior. E ainda que há a impressão de que esse atraso poderia ter causado a morte da menina.

Também é interessante que Jesus peça a Jairo, dirigente da sinagoga, que tenha fé e não tenha medo, quando a mulher, pária religiosa e social, demonstrou, pelo testemunho do próprio Jesus, ter tido as duas coisas espontaneamente.

Todos esses elementos ficam de fora das narrativas infantis. Assim como a gravidade da doença da mulher, algo de significação importante. A natureza da doença pode ser inadequada à apreensão infantil – hipótese que levantamos para que esteja ausente em duas versões infantis e mencionada de forma pouco relevante em uma delas – porém, isso não deveria, talvez, ser uma razão legítima para deixar essa narrativa de fora, já que a natureza da doença poderia ser omitida sem, com isso, deixar de ser mencionada sua gravidade.

Mesmo na narrativa sobre a menina, procedimentos narrativos importantes presentes no texto base são deixados de lado nas versões infantis.

Em **Histórias Bíblicas em Rimas**, por exemplo, não fica clara a importância de Jairo porque ele é tratado somente pelo nome. São omitidas também as falas de Jesus quando, ao saber que a menina estava morta, não diz a Jairo que tenha fé e apenas creia, nem, ao chegar a casa do chefe da sinagoga, diz às pessoas que se lamentavam que a menina estava dormindo, o que causa risos entre os presentes.

Nessa mesma versão, Jesus também não pede que o fato de a menina ter sido ressuscitada não seja dito a ninguém, nem dá ordem de que a alimentem.

Esses trechos estão novamente ausentes em **A Primeira Bíblia das Crianças**. De Jairo, não somente não é dito nada que dê pistas sobre sua importância, como nem o nome é mencionado.

Em **Almanaque Bíblico** há algumas dessas omissões, mas destacamos a ênfase na morte da menina, dada nessa versão, com a repetição da informação dessa morte, quando, no texto base, Jesus desvia a atenção desse fato ao dizer que a menina não estava morta, mas dormindo.

### **Considerações finais**

Portanto, apesar de a mensagem central ter sido parcialmente preservada, cremos que as versões infantis poderiam ganhar em identidade com o texto base e na preservação da mensagem central do mesmo, se nelas procedimentos narrativos importantes tivessem sido incorporados. E ganhariam, assim, também em relação ao que acreditamos ser um dos objetivos dessas publicações: a transmissão de valores cristãos de pensamento e conduta, como mencionamos anteriormente.

Nosso objetivo, entretanto, não é somente relatar os resultados de nossa análise, mas propor uma pesquisa mais profunda e detalhada a respeito das especificidades desse que consideramos subgênero da Literatura Infantil no Brasil: Bíblias para crianças. Uma pesquisa que reflita sobre a fidelidade desse subgênero aos textos bíblicos e a eficácia

na transmissão de valores, e que analise ainda, por exemplo, as condições e características da produção e estabelecimento no país desse subgênero.

### **Referências Bibliográficas**

ALTER, Robert. *A Arte da Narrativa Bíblica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BOURQUIN, Yvan e MARGUERAT, Daniel. *Para Ler as Narrativas Bíblicas – iniciação à análise narrativa*. São Paulo: Loyola, 2010.

CHARTIER, Roger. *A Ordem dos Livros – leitor, autores e bibliotecas da Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Distrito Federal: Editora Universidade de Brasília, 1994.